

## A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL NA AMÉRICA LATINA À LUZ DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE: OUTRAS PEDAGOGIAS POSSÍVEIS.

EDUCATION FOR GLOBAL CITIZENSHIP IN LATIN AMERICA IN THE LIGHT OF PAULO FREIRE'S THOUGHT: OTHER POSSIBLE PEDAGOGIES.

Katiuscia C Vargas Antunes<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-2861-551X>

Mylene Cristina Santiago<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-2769-8421>

### Resumo:

O artigo em tela aborda a temática da educação para a cidadania global, tomando como referência o pensamento de Paulo Freire. Ao escrever este texto, fazemos as seguintes perguntas: como tem sido debatida a educação para a cidadania global na América Latina? Quais são os impactos da educação para a cidadania global nas políticas educacionais dos países da América Latina, em particular no Brasil. Para pensar o conceito de ECG na América Latina e ocasionalmente no Brasil, construiremos uma argumentação a partir dos escritos de Paulo Freire, um educador e pensador brasileiro que nos deixou um importante legado sobre as possibilidades de construção de uma problemática democrática e educação transformadora. Para responder a essas indagações, este artigo se propõe a identificar na teoria freiriana conceitos que contribuem, de forma crítica e transformadora, para a justiça social e a educação para a cidadania global no contexto dos países latino-americanos e realizar um estado da arte das produções relacionadas ao tema da cidadania global na América Latina entre os anos de 2016 a 2020, a partir do banco de dados de teses e dissertações da Coordenação de Pessoal de Educação Superior Artigos de melhoria (CAPES) relacionados ao tema disponibilizados na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Defendemos uma abordagem pós-colonial que nos possibilita pensar a ECG sob uma perspectiva freiriana, superando um modelo que reproduz relações assimétricas.

**Palavras-chave:** Paulo Freire; Educação para a cidadania global; América Latina; Educação.

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

**Abstract:**

This article approaches the subject of education for global citizenship, taking Paulo Freire's thought as a reference. Upon writing this text, we ask the following questions: how has education for global citizenship been debated in Latin America? What are the impacts of education for global citizenship on the educational policies of countries in Latin America, in particular in Brazil. In order to think about the concept of ECG in Latin America and occasionally in Brazil, we will build an argument based on the writings of Paulo Freire, a Brazilian educator and thinker who left us an important legacy on the possibilities of building a problematic, democratic, and transformative education. In order to answer these questions, this article proposes to identify in Freire's theory concepts that contribute, in a critical and transformative way, to social justice and education for global citizenship in the context of Latin American countries and achieve a state of the art of productions related to the theme of global citizenship in Latin America between the years 2016 to 2020, based on the database of theses and dissertations of the Coordination Higher Education Personnel Improvement (CAPES) articles related to the theme available in the database of the Scientific Electronic Library Online (SciELO). We defend a post-colonial approach that allows us to think about ECG from a Freirean perspective, overcoming a model that reproduces asymmetric relationships.

**Keywords:** Paulo Freire; Education for global citizenship; Latin America; Education.

**PALAVRAS INICIAIS**

Antes de abordar o conceito de cidadania na América Latina, julgamos relevante entender que a definição de América Latina é antes de tudo um conceito político que não se limita a uma área geográfica, cultural ou econômica específica. Este conceito evoluiu ao longo do tempo e hoje se refere a um conjunto de características culturais, étnicas, políticas, sociais e econômicas.

Durante século XVI, os países latino-americanos foram colonizados e explorados pelos espanhóis e portugueses que impuseram a cultura europeia, expropriaram os povos indígenas de suas terras e recursos e escravizaram africanos. Os países latino-americanos só alcançaram a independência no século XIX, após uma longa luta contra as potências coloniais. O estabelecimento de sistemas políticos pluralistas e relativamente democráticos na América Latina surgiu nos últimos 30 anos, desde então o conceito de cidadania tem sido problematizado; iniciativas foram propostas e novas instituições foram criadas para garantir o acesso efetivo à cidadania para grande parte da população (SANTIAGO; AKKARI, 2020)

Santiago e Akkari (2020) defendem que o processo pós-colonial não resolveu as questões sociais e as persistentes desigualdades sociais, perpetuando a histórica exclusão social de afrodescendentes, povos indígenas e populações rurais. A América Latina tem, de fato, uma dívida histórica com seus cidadãos e continua sendo hoje uma das regiões mais desiguais do mundo. Nesse sentido, os desafios relacionados aos direitos humanos e à desigualdade implicam na necessidade de repensar as epistemologias e a pedagogia da justiça social na América Latina. Sem dúvida, a herança colonial ainda está presente e pode ser vista no sistema educacional que atende aos interesses das classes dominantes. Portanto, é evidente que uma reforma radical do sistema educacional, capaz de promover os direitos sociais, políticos e econômicos e proporcionar acesso a uma educação de qualidade é necessária para promover a participação política democrática e ativa dos cidadãos.

Embora ainda haja um longo caminho a percorrer, alguns países latino-americanos têm se empenhado em melhorar a qualidade da educação e adotado políticas educacionais para atingir esse objetivo. Apesar desses esforços significativos, a desigualdade entre grupos étnicos continua sendo uma questão social importante. A educação latino-americana enfrenta o desafio de construir novas políticas educacionais, não apenas aumentando as oportunidades quantitativas, mas também proporcionando condições para novos processos pedagógicos. Parece evidente que governos conservadores e elitistas relutam em desbloquear todo o potencial das escolas para formar cidadãos ativos e responsáveis, capazes de construir uma sociedade mais justa e igualitária em que coexistam diferentes culturas e uma pluralidade de conhecimentos epistemológicos. A reapropriação da Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987) é uma abordagem plausível para a educação para a cidadania global (ECG) que pode levar ao que Freire (1996) descreveu como Pedagogia da Autonomia.

Com o objetivo de pensar o conceito de ECG na América Latina e, pontualmente, no Brasil, buscaremos dialogar com conceitos de Paulo Freire, que oferecem subsídios para a construção de uma educação democrática e transformadora em sintonia com uma perspectiva de educação para a cidadania. Em um segundo momento, apresentaremos um estado da arte das produções referentes à temática da cidadania global na América Latina, entre os anos de 2016 e 2020, tendo como base de consulta o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e artigos referentes à temática disponíveis na base de dados do *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Por fim, faremos algumas considerações sobre os desafios de consolidar os princípios da ECG nas políticas educacionais no Brasil.

## A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL PELA ÓTICA FREIREANA

Falar sobre ECG no contexto brasileiro e de outros países da América Latina nos direciona ao diálogo com o pensamento de Paulo Freire. A importância e o alcance das suas ideias são de proporções mundiais. O legado que este pensador nos deixou ressoa até os dias de hoje, nos provocando à reflexão e ao constante questionamento, não apenas da educação e as formas como esta se apresenta, mas, sobretudo, sobre a própria condição humana. É com Paulo Freire que tentaremos contextualizar a ECG no Brasil (e na América Latina).

É no livro *Educação e mudança* que encontramos algumas definições que nos permitem melhor compreender como a América Latina se configurou e, em muitos aspectos, ainda se configura numa sociedade com fortes heranças dos seus processos de colonização. No entendimento de Freire (2003) as sociedades estão em constante transição. Na busca dos seres humanos pela sua plenitude, as sociedades se modificam, de maneira que formas de ser e estar no/com o mundo, os valores e crenças vão se modificando e cedendo lugar a outros comportamentos, valores e crenças. Nas suas palavras,

Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos. (FREIRE, 2003, p. 18)

Paulo Freire classifica as sociedades em diferentes categorias. No caso da América Latina, Freire a classifica como uma “sociedade fechada” e colonial. Suas características são que sua

organização é decidida externamente, pelo que Freire denomina “sociedade-matriz”, que no caso latino-americano são Portugal e Espanha.

Esta sociedade matriz é a que tem opções; em troca, as demais sociedades somente recebem ordens. Assim é possível falar de “sociedade-sujeito” e de “sociedade-objeto”. Esta última opera necessariamente como um satélite comandado pelo seu ponto de decisão: é uma sociedade periférica e não reflexiva. (FREIRE, 2003, p. 18)

Dentre as características da “sociedade-objeto”, Paulo Freire destaca que o seu sistema educacional opera de maneira que o *status quo* implantado por uma elite que domina, seja mantido e reforçado pelas práticas educativas. Nestas sociedades há uma desvalorização do trabalho manual e uma supervalorização do trabalho intelectual, de forma que as famílias, em geral, não gostariam que seus filhos e filhas exercessem uma profissão que prescindisse do trabalho manual, ao contrário, há no imaginário dessas famílias o ideal de que seus descendentes cheguem ao ensino superior e escolham carreiras consideradas de elite, como Medicina e Direito, por exemplo. Tais sociedades também se caracterizam pelo desinteresse pela educação básica dos adultos. (FREIRE, 2003)

Para Paulo Freire uma sociedade que precisa “imitar” outra, se transforma numa “sociedade alienada”. Nas suas palavras:

A sociedade alienada não tem consciência de seu próprio existir. Um profissional alienado é um ser inautêntico. Seu pensar não está comprometido consigo mesmo, não é responsável. O ser alienado não olha para a realidade com critério pessoal, mas com olhos alheios. Por isso vive uma realidade imaginária e não a sua própria realidade objetiva. Vive através da visão de outro país. Vive-se Rússia ou Estados Unidos, mas não se vive Chile, Peru, Guatemala ou Argentina. (FREIRE, 2003, p. 19)

Uma “sociedade alienada” não se conhece e busca soluções para seus problemas fora dela, como se tudo o que vem de fora fosse melhor. Não exerce a autocritica e contribui para cristalizar concepções que desvalorizam os nativos, por muitas vezes, acusados pelas próprias elites de “preguiçosos”. Qualquer semelhança com o Brasil não é mera coincidência, posto que nos constituímos, no entendimento de Paulo Freire como “sociedade objeto”.

Entretanto, o mesmo autor nos chama a pensar sobre as sociedades em transição. Esse conceito nos permite sair de uma condição estanque para uma condição de mudança. As sociedades em transição são marcadas fortemente por um processo de desalienação do seu povo, em particular das classes populares. Para Freire esse processo é possível e potencializado pela educação e pelos educadores e educadoras, imbuídos de consciência do seu papel de “trabalhador social” em prol da mudança.

Nesta etapa da sociedade existem, primeiramente, as massas populares espectadoras passivas. Quando a sociedade se incorpora nelas, começa um processo chamado democratização fundamental. É um crescente ímpeto para participar. As massas populares começam a se procurar e a procurar seu processo histórico. Com a ruptura da sociedade, as massas começam a emergir e esta emergência se traduz numa exigência das massas por participar: é a sua presença no processo. (Freire, 2003, p. 20)

Contra tal movimento as elites tentam, por meio da criação de instituições de assistência social e escolares, domesticá-las, reproduzindo a lógica colonial. Contra a assunção das massas e

sua tomada de consciência de que são sujeitos da transformação, as elites as acusam de bárbaros e “comunistas”. Movimentos populistas e autoritários da elite governante buscam deslegitimar as reivindicações das massas e desqualificar suas pautas. Isso vem acontecendo no Brasil em relação a diferentes movimentos sociais vinculados as chamadas minorias. A consequência disso é a constante perda de direitos que esses grupos vêm sofrendo.

Para Paulo Freire, as sociedades latino-americanas começam a se inscrever no movimento de transição, entretanto, muitas delas, em particular o Brasil mantém um modelo de educação vertical, caracterizado nas palavras de Freire (2003) como “educação bancária”. No modelo de “educação bancária” o que se cria é, igualmente, uma “consciência bancária”. “Mulheres e homens se tornam seres ‘roubados’ se se lhes nega a condição de partícipes da produção do amanhã”. (FREIRE 2001, p. 85).

Educa-se para arquivar o que se deposita. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação. A consciência bancária “pensa que quanto mais se dá mais se sabe”. Mas a experiência revela que com este mesmo sistema só se formam indivíduos medíocres, porque não há estímulo para a criação. (FREIRE, 2003, p. 19-20)

No pensamento de Paulo Freire o processo de transição de uma “consciência bancária” para uma “consciência crítica” só é possível quando se rompe com a “educação bancária” em direção a uma “educação libertadora”. Em toda a sua obra Paulo Freire nos oferece subsídios para problematizar a educação e a escola, de maneira a questionar seus objetivos e suas práticas. Freire denuncia práticas pedagógicas (des)humanizadoras, que negam o outro como sujeito histórico, silenciam suas experiências. (FREIRE, 2002).

Ao contrário, a educação como prática da liberdade assume homens e mulheres como sujeitos. Ela ocorre numa relação dialógica, em que educadores e educandos ensinam e aprendem. Nas palavras de Freire (2002, p. 70),

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens.

Um pressuposto fundamental para Freire é a ruptura com uma visão fatalista de mundo e sociedade que, por vezes assola os seres humanos. Em meio ao agravamento do abismo social, da prevalência de uma ética neoliberal, do acirramento das situações que favorecem a discriminação e os processos de exclusão que vivemos na atualidade, diante de um contexto assolado pela crise de uma pandemia mundial provocada pela Covid-19 em que as desigualdades se agravam e as respostas a essa crise, em países como o Brasil, não são efetivas, há um fortalecimento da visão fatalista da sociedade. A esse respeito Paulo Freire nos alerta sobre o quanto de ideologia fatalista está presente na escola. Ele nos fala sobre a “malvadeza” que estamos expostos numa sociedade onde a ética de mercado se impõe.

O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que sua ética é a do mercado e não a ética universal do ser humano, pela verdade, por um mundo de gente [...] Há um século e meio Marx e Engels gritavam em favor da união e a rebeldia das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos

como seres humanos, submetidos à fereza da ética do mercado. (FREIRE, 1996, p. 144-5)

A globalização que se dá sob a lógica do mercado, se torna avassaladora sobre as culturas locais, determinando padrões. Mais uma vez Paulo Freire nos ensina que a convivência com as diferenças, com a multiculturalidade é “uma criação histórica que implica decisão política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns” (FREIRE, 2007, p.157). Portanto uma educação libertadora prescinde da valorização, do respeito e da aceitação das diferenças. Nas suas palavras, “a luta pela unidade na diversidade [...] implica a mobilização e a organização das forças culturais em que o corte de classe não pode ser desprezado” no sentido da ampliação e no aprofundamento e superação da democracia puramente liberal” (Idem, p.157).

Não podemos negar a influência do discurso neoliberal sobre a educação. Tal discurso leva a escola ao que Paulo Freire chama de pragmatismo pedagógico, priorizando a formação, ou melhor, o treino técnico-científico dos estudantes em detrimento de uma formação crítica e problematizadora.

No bojo dos processos de mudança na educação e nas sociedades que nos ensina Paulo Freire, podemos incluir a discussão acerca da cidadania. No contexto neoliberal a cidadania se reduz aos direitos individuais, articulada a uma noção restrita dos direitos políticos (ato de votar) e dos direitos sociais (garantia de condições mínimas de sobrevivência). Contrário a essa concepção de cidadania, Freire surge como um pensador que se compromete com uma cidadania ativa. Ele tinha a consciência de que “a educação não é a chave para a transformação, mas é indispensável. A educação sozinha não faz, mas sem ela também não é feita a cidadania” (FREIRE, 1995, p.74).

O pensamento de Paulo Freire reforça a cidadania como um direito, assegurado pelo Estado e com ampla participação popular, valorizando a crítica, o conflito, como condições inerentes ao espaço público, permeado por diferentes necessidades e interesses e onde também os homens e as mulheres “se encontram para transformação do mundo em colaboração” (FREIRE, 2005, p.191). Para Freire a participação é fundamental para a consolidação de uma educação libertadora, visto que na concepção freiriana a existência humana não pode ser silenciosa e nem pode alimentar-se de palavras, senão de palavras verdadeiras com as quais homens e mulheres transformam o mundo. “Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo.” (Idem, p. 90).

Importante destacar que o pensamento pedagógico de Paulo Freire se alicerça, também, num posicionamento claro em favor dos menos favorecidos economicamente, muitas vezes impedidos de se pronunciarem e se inserirem, criticamente, na realidade. A luta pela cidadania ativa é presente em toda a obra de Paulo Freire.

Uma educação que possibilita os seres humanos a se conscientizarem nos contextos histórico-sociais que produz as suas existências os leva à busca de “ser mais”. Um princípio presente nessa afirmação é o da inconclusão dos seres humanos. Tal busca “que não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires” (FREIRE, 2005, p.86). Encontramos aqui um dos fundamentos do conceito de ECG. A cidadania para Freire está ligada aos limites das relações que mulheres e homens constroem entre si, no e com o mundo.

Na obra de Paulo Feire podemos inferir que a concepção de cidadania está atravessada e orientada pelas acepções “de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de

temporalidade”. (FREIRE, 1967, 39) A pluralidade para Freire é condição para a existência humana. A transcendência reafirma a incompletude humana e sua busca por “ser mais”, em uma dialética libertadora, nunca dicotômica. A criticidade se manifesta através de práticas educativas progressistas, em que a ação pedagógica incentiva a curiosidade, impulsionando os seres humanos a passarem de uma consciência ingênua à uma consciência crítica. Escreve Freire (2000, p. 35-36): “precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativa progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil”. A consequência, nas palavras de Freire, “tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar” (FREIRE, 2000, 36). Por fim, a temporalidade é, para Freire, o que diferencia o ser humano dos animais, portanto, como seres humanos temos consciência histórica e cultural. “O homem existe no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se” (FREIRE, 2000, p. 41).

Pelo exposto, a concepção de educação presente na obra de Paulo Freire nos permite conceber uma pedagogia na educação brasileira (e na América Latina) que parte da realidade concreta com vistas à sua transformação. A emersão dos homens e mulheres enquanto sujeitos políticos se articula e dialoga com os princípios da ECG. Educação, na perspectiva freiriana é, pois, um instrumento de superação revolucionário, capaz de reverter os efeitos provocados pela colonização latino-americana.

## O DEBATE SOBRE A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA GLOBAL NA AMÉRICA LATINA

Como o propósito de produzir um estado arte sobre o debate da Educação para a Cidadania Global na América Latina, na produção acadêmica brasileira, realizamos uma busca na base de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e Google Scholar. Ao pesquisar as bases de dados usando as palavras-chave educação, cidadania global e América Latina, identificamos duas produções, conforme tabela 01.

**TABELA 01:** Resultado do Levantamento bibliográfico utilizando as palavras-chave: **educação, cidadania global, América Latina**

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Cidadania Global; América Latina							
Base de Dados	Produção/ Tipo	Período/Ano					Total
		2016	2017	2018	2019	2020	
BDTD	Dissertação	-	-	-	-	-	-
	Tese	-	-	-	-	-	-
CAPES	Dissertação	-	-	-	-	-	-
	Tese	-	-	-	-	-	-
SciELO	ARTIGO	-	-	-	-	01	-
Google Scholar	ARTIGO	-	-	-	01	-	01
<b>Total de Produções</b>		-	-	-	01	01	02

Fonte: autoria própria

De forma preliminar identificamos a escassez de artigos e produções científicas que focam na educação para a cidadania no contexto da América Latina. Conforme a base de dados pesquisada, identificamos dois artigos que focados na temática de nossa análise.

O primeiro artigo discute a formação de professores em educação global para a cidadania em quatro países da América Latina: Colômbia, Chile, México E Peru. Mendonça (2019) ao analisar o processo de formação de professores em educação global para a cidadania nos quatro países, a pesquisadora constatou que embora com modalidades formativas diferentes, o Chile, o México e o Peru incluem a Educação para a Cidadania Global (ECG) na formação inicial de professores, apenas a Colômbia exclui a ECG da formação inicial de professores. À exceção do México, cujo investimento na ECG é bastante acentuado, o Peru, o Chile e a Colômbia necessitam de aumentar o investimento na formação específica de professores para desenvolver a ECG. Este estudo sugere a necessidade de se continuar a investir na formação de professores em ECG, área que requer conhecimentos e competências necessários à abordagem de temas transversais à sociedade.

A segunda produção identificada aborda a pesquisa realizada por Aguilar-Forero et al (2020) que apresentam os resultados de uma pesquisa-ação que buscou compreender como o ativismo, mediado pelas tecnologias digitais, pode contribuir para a Educação para a Cidadania Mundial. O estudo foi desenvolvido durante o ano de 2017 em três instituições de ensino de dois países da América Latina: Colômbia e Chile. Os resultados permitiram identificar que os alunos dessas escolas promovem a reflexão e geração de consciência em torno de questões que dizem respeito à humanidade, como a violência de gênero, por meio de diversas iniciativas apoiadas na criação de espaços virtuais e em ativismo baseado em tecnologias digitais. Os autores avaliam que o projeto de pesquisa-ação permitiu que professores e alunos das três instituições educacionais dos dois países latino-americanos investigados, tivessem a oportunidade de se familiarizar com o conceito de cidadania mundial e se envolverem na criação de iniciativas de educação para a cidadania mundial com base em seus próprios interesses e questões identificados. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a criação de espaços virtuais e ativismo mediado por tecnologias digitais expressa na circulação de conteúdos (mensagens, fotos, infográficos, peças audiovisuais), permitiram aos professores e alunos de diferentes contextos escolares, compreender que a cidadania mundial é construída a partir de realidades locais, assim como, reconhecer o papel como agentes de mudança que constroem o global a partir do local, fortalecendo, por exemplo, os vínculos entre a escola e as comunidades vizinhas.

Os dois trabalhos evidenciam diferentes caminhos que traçados por países latino-americanos no que tange à educação para a cidadania global, as duas pesquisas se concretizaram em contextos escolares e apontam possibilidades para o desenvolvimento da ECG. Considerando a escassez de resultados na busca, optamos por retirar a expressão América Latina e obtivemos 15 produções, conforme tabela 02.



**TABELA 02:** Resultado do Levantamento Bibliográfico utilizando as palavras-chave: **educação e cidadania global**

<b>PALAVRAS-CHAVE: Educação; Cidadania Global</b>							
<b>Base de Dados</b>	<b>Produção/ Tipo</b>	<b>Período/Ano</b>					<b>Total</b>
		<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	
<b>BDTD</b>	<b>Dissertação</b>	-	-	01	01	01	03
	<b>Tese</b>	-	-	-	01	-	01
<b>CAPES</b>	<b>Dissertação</b>	-	-	-	01	-	01
	<b>Tese</b>	-	01	-	-	-	01
<b>SciELO</b>	<b>ARTIGO</b>	-	-	-	01	03	04
<b>Google acadêmico</b>	<b>ARTIGO</b>	01	01	02	-	01	05
<b>Total de Produções</b>		01	02	03	05	05	15

Fonte: autoria própria

Com o objetivo de discutir a construção da cidadania global através do aspecto cultural e linguístico, Jesus (2016) destaca que os aspectos culturais e linguísticos se tornam fundamentais para o desenvolvimento e a adesão da posição de cidadão global, dado que estes dois aspectos, cultural e linguístico, constituem a identidade do cidadão e de seu coletivo, construindo a grande diversidade mundial. Na perspectiva da autora, a prioridade da cidadania global é propor em condição de igualdade os direitos de cada indivíduo no mundo, reservando a qualquer um o espaço tangível global como espaço comum, onde por meio da consonância social sejam possíveis a integração e o cooperativismo. No entanto, é problematizado que em um cenário universal, o sentimento de pertencimento se apresenta numa complexidade claramente maior que no cenário nacional, devido à falta de uma identidade consistente que não é amplamente ou fortemente adotada pela sociedade em geral, uma identidade justa que represente verdadeiramente uma conduta de equidade a nível global.

Santos (2018) ao analisar a multiculturalidade presente nas Instituições de Educação Superior (IES) brasileiras, tendo por base a presença de estudantes de baixa renda, estudantes com ingresso por meio de cotas raciais, estudantes com deficiência e a presença de estudantes estrangeiros que participam de programas governamentais de intercâmbio de mobilidade acadêmica, enfatiza a necessidade de um olhar atento não apenas para a prática docente, mas para as opções em relação à tecnologia, internacionalização e educação para a cidadania global para a qualificação da educação superior e, por conseguinte, obter êxito em relação à permanência estudantil. No que tange ao processo de internacionalização, são ressaltados os aspectos positivos para os estudantes nativos, que têm contato com estudantes estrangeiros e também a experiência adquirida com a convivência com estudantes oriundos de diferentes realidades, culturas e com conhecimentos diversos.

Em uma perspectiva crítica quanto aos princípios da ECG, os autores Guilherme, Giraffa e Martins (2018) questionam até que ponto a ECG quer enquadrar o sujeito em um sistema emancipador? O que há por traz do discurso realizado por esta perspectiva de equipar alunos de todas as idades com valores, conhecimentos e habilidades que sejam baseados e promovam o respeito aos direitos humanos, à justiça social, à diversidade, à igualdade de gênero e à sustentabilidade ambiental? Os autores propõem uma possível forma de aplicação da contra educação via negociação e oportunidade criativa com a ECG que, apesar de suas bases em sistemas

modeladores, permite abertura ao desenvolvimento de espaços contra educacionais, fomentadores de uma atitude crítica.

Com a proposição de apresentar e debater o conceito de cidadania global, Santiago, Antunes e Akkari (2020) buscam analisar as possibilidades para a construção da Educação para Cidadania Global (ECG) no contexto brasileiro, em articulação com os debates curriculares, notadamente aqueles que dizem respeito à Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Os autores evidenciam que a ECG global é ainda muito pouco conhecida no contexto brasileiro, de forma que introduzir esse tema nos currículos torna-se uma tarefa difícil, visto que a política curricular para a educação básica e para a formação docente não trazem em seus conteúdos uma visão crítica acerca do conceito de cidadania, provocando um esvaziamento da discussão sobre o tema. Ao problematizarem sobre construção de uma agenda educacional voltada à cidadania global, consideram que, mesmo que agenda cidadã local seja composta de contradições e fortes vieses de caráter político-partidário, vivemos em contextos de pautas cidadãs globais que precisam ser trazidas para a educação, como por exemplo, a pandemia global provocada pelo Coronavírus, as desigualdades sociais e econômicas que essa pandemia tem revelado em diferentes partes do mundo, os conflitos territoriais, o drama dos refugiados, intolerância religiosa e as causas ecológicas. Destacam que as universidades, ao assumirem a função basilar de ensino, pesquisa e extensão, podem potencializar processo de formação cidadã em seu contexto local e global.

Buscando compreender a evolução do conceito de cidadania global no contexto institucional do desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Diógenes, Valoyes e Euzébio (2020) analisam a relação da competência geral 10 da BNCC, Responsabilidade e Cidadania, com o que a Unesco promove sobre a ECG. Os autores indicam que existe alinhamento entre as duas agendas mediante as semelhanças entre as dimensões centrais de análise de documentos e nuvens de palavras obtidas durante a pesquisa, no entanto, ressaltam que ambas sofrem com o dilema no Brasil, pois, muitas vezes, é o próprio governo e as próprias políticas públicas que limitam o desenvolvimento da cidadania, em vez de garanti-lo. Os direitos de aprendizagem dos alunos brasileiros, mesmo que sejam garantidos democraticamente, são frequentemente prejudicados por fraquezas na infraestrutura dos estabelecimentos de ensino, na formação continuada do corpo docente, entre outras deficiências básicas e estruturais para a formação adequada dos alunos. Acrescentam que a cidadania deve ser analisada a partir das oportunidades reais, a cidadania global é muito mais do que uma teoria, precisa se converter em práticas democráticas, com acesso às oportunidades e com total liberdade para exercê-las.

A articulação entre educação para a sustentabilidade e cidadania global sob a perspectiva das orientações da Unesco é tema do artigo de Vega e Boer (2020) que denunciam que a degradação ambiental, mudança climática, poluição, consumo exacerbado, resíduos aparecem em padrões insustentáveis e não param de aumentar. Os impactos desses fenômenos são evidentes e pedem por transformação e mudanças no estilo de vida, na forma de pensar e agir. Nesta perspectiva, a humanidade precisa aprender e significar novos valores, habilidades e atitudes que possam conduzir as sociedades humanas a hábitos de vida mais sustentáveis. A educação para o desenvolvimento sustentável está intrinsecamente articulada à ECG, cujas dimensões conceituais principais visam desenvolver competências, que capacitem as pessoas a refletir sobre as próprias

ações e tomar consciência dos impactos sociais, culturais, econômicos e ambientais atuais e futuros.

Santos, Schwanke e Machado (2017) ao investigarem as contribuições das tecnologias digitais para a educação para a cidadania global constataram que as tecnologias digitais se fazem presente em nossas vidas e o uso delas pode vir a contribuir significativamente no contexto educacional, de modo a facilitar e qualificar o processo de ensino e aprendizagem e, assim, contribuir para o desenvolvimento da educação para a cidadania global. Para os autores

[...] a educação para a cidadania global é vista como uma possibilidade de qualificação dos processos de ensinar e aprender para além dos espaços formais de educação, haja visto que objetiva uma formação integral do indivíduo e aponta como fundamental, em todos os níveis de educação, o trabalho para além das disciplinas e conteúdos acadêmicos. [...] o papel da educação em além de trabalhar conhecimentos e habilidades cognitivas, possa também contribuir na construção de valores e atitudes que facilitem a cooperação, nacional e internacional, e promova a transformação social. (SANTOS; SCHWANKE e MACHADO, 2017, p. 133)

No desenvolvimento do trabalho os autores destacam os princípios das práticas pedagógicas transformadoras que sustentam a ECG, estímulo ao diálogo; formação de valores; desenvolvimento do pensamento crítico; e, abordagens educacionais holísticas. A partir de questionários realizados com estudantes e professores do ensino superior, destacam que para colocar em prática a educação para a cidadania global, o contexto mais adequado e funcional provavelmente seja o das tecnologias, uma vez que elas permitem a interação, a cooperação e o diálogo, ultrapassando barreiras que o espaço e o tempo impõem.

Caliman et al (2020) argumentam que a paz é uma construção social que exige um processo de conscientização e comprometimento individual e coletivo para a construção de um mundo mais justo e inclusivo; e que a universidade e a escola, como espaços educacionais formais, têm um grande potencial como construtoras da paz. Com base nesses dois argumentos e a partir de fragmentos de uma experiência realizada em duas escolas públicas do Distrito Federal (Brasil), discutem o contexto atual dos jovens a partir das lentes teóricas da cidadania global e a centralidade da liderança e empoderamento juvenil no processo de construção da paz. Os autores enfatizam o papel da universidade e da escola pública na construção de redes que atuem de forma proativa na formação cidadã de jovens, preparando-os para o enfrentamento de situações de violência e intolerância. Apresentam exemplos de práticas educativas exitosas que têm potencial para atuar na prevenção da violência escolar e na construção de uma cidadania global inclusiva e emancipatória.

Com o objetivo de compreender as potencialidades do educar pela pesquisa para o desenvolvimento da educação para a cidadania global na educação básica, Costa (2019) em sua dissertação de mestrado, apresenta a trajetória e resultados de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação, desenvolvida em uma turma de 6ª ano do Ensino Fundamental, a partir dos métodos da observação participante e da produção textual para coleta de dados e do método de análise textual discursiva para análise dos dados coletados. Os resultados obtidos demonstraram que a Pedagogia da Educação para Cidadania Global potencializa a reflexão e o educar pela pesquisa é uma possibilidade de instigar os estudantes a pensarem sobre sua própria realidade, tendo consciência de que cada um é responsável e partícipe da sociedade global-local. Além disso, os

resultados apontam que, mesmo na Educação Básica, é possível trabalhar com pesquisa e com projetos que envolvam o educar pela pesquisa e que eles possam fomentar o desenvolvimento do Cidadão Global.

A tese de doutorado de Bastos (2019) buscou discutir a educação para a cidadania global na perspectiva da Unesco, em articulação com a formação de professores de educação física no Pará (Brasil). Entre os resultados, o autor destaca que o estudo permitiu inferir que a Educação para Cidadania Global se constituiu como mais um instrumento a serviço do capitalismo mundial, pois é disseminada com o objetivo de potencializar a adaptação de todos os indivíduos do mundo ao novo modelo de produção. Como parte essencial desse modelo de educação, identificou-se que a Unesco também elabora uma proposta de formação de professores para que os formuladores de política possam adotar, nos países signatários, esse modelo de ensino também nas licenciaturas, o que pode estar posto de forma direta ou indireta nas políticas de formação docente, a exemplo das Diretrizes Curriculares brasileiras. O autor acrescenta que existem muitos desafios para que os sujeitos que compõem os cursos de licenciatura no Brasil possam dispor de uma educação que seja desenvolvida de maneira contrária à lógica da globalização capitalista. Cabe destacar que somos avessos ao modelo de educação proposto pela Unesco para o desenvolvimento da Educação para a Cidadania Global, haja vista que somos radicalmente contrários aos aspectos que a caracterizam. Isso porque os indícios mostram que a ECG é uma alternativa, fundamentada sobre as necessidades do modo de produção capitalista, pautada em conhecimentos que são elaborados apenas para atender demandas pontuais e não para uma transformação radical da prática social dos indivíduos.

Danielski (2017) em sua tese de doutorado buscou analisar como a educação para uma cidadania global está presente em um curso de Graduação em Enfermagem, com referencial fundamentado em Paulo Freire (2006; 2014) e na política de ECG/UNESCO. A pesquisa teve a participação de diretores, docentes e alunos de um Curso de Graduação em Enfermagem. Os resultados demonstraram que a Instituição de Ensino Superior e docentes precisam criar um ambiente favorável para o aprendizado, seja presencialmente ou no ciberespaço, com espaços físicos ou virtuais, estratégias ativas de aprendizagens físicas, ou o uso de mídias sociais virtuais e/ou outras Tecnologias de Informação e Comunicação, com professores capacitados críticos, criativos, reflexivos e preparados para ensinarem e promoverem o desenvolvimento de competências midiáticas e informacionais nos seus alunos. A Instituição de Ensino Superior investigada possui um contexto de formação local, com uma inserção comunitária com a realização de ações sociais das quais se destacam a solidariedade e a responsabilidade social. A autora considera que a formação superior em Enfermagem pode ser um espaço constituinte de uma Educação para a Cidadania Global.

A temática da institucionalização da internacionalização da educação superior foi objeto de estudo de Caparros Júnior (2020). Os resultados da dissertação de mestrado apontam que instituição de ensino superior (IES) privada investigada implementa a internacionalização de forma particular e que esse processo constitui grande incentivador da formação docente, principalmente no sentido de favorecer e viabilizar a cidadania global. O autor salienta a necessidade de uma implementação de processos bem delineados que sirvam para subsidiar e qualificar, cada vez mais, a formação docente ao encontro da cidadania global.

A dissertação apresentada por Liu (2018) discute o Intercâmbio Universitário Brasil-China, focando nas trajetórias formadoras de estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa Ciência sem Fronteiras. A pesquisa analisou as experiências desses participantes gaúchos em suas estadas na China via Programa Ciência sem Fronteira e revelou certas correlações entre a mobilidade acadêmica com a formação da cidadania global para esses estudantes. As experiências foram diversas e com muita aprendizagem sobre o país oriental e seu povo. O crescimento pessoal dos próprios participantes brasileiros foi um forte destaque encontrado nos relatos. Embora o Programa tenha sido criticado, de acordo com os relatos desses participantes entrevistados, a realização desse intercâmbio aprimorou a sua competência linguística, auxiliou o entendimento e respeito à diversidade e diferença cultural. O conhecimento sobre o país destinatário ampliou a visão do mundo. Os resultados indicam que as experiências vivenciadas no exterior possibilitaram a formação da cidadania global desses estudantes.

As produções analisadas indicam que a América Latina e, particularmente, o Brasil tem buscado alternativas heterogêneas para a implementação da ECG. Os dois artigos que abordam as experiências dos países latino-americanos denotam interesse pela formação iniciada e continuada de professores como possibilidade de consolidação da proposta de ECG. Os outros trabalhos analisados focam em experiências realizadas no contexto brasileiro, envolvendo educação formal e não formal, de modo a evidenciar a heterogeneidade da aplicação do conceito de ECG no Brasil.

Os trabalhos que discutem a ECG no contexto brasileiro apresentam temáticas e experiências variadas. Os aspectos multiculturais e linguísticos são problematizados, enquanto provável barreira, visto que na América Latina, o Brasil é o único país cujo idioma é o português. Nessa perspectiva questões relacionadas à identidade nacional e o caráter emancipador da ECG são problematizados, considerando a necessidade de desenvolvimento de abordagens decoloniais viáveis para os contextos locais, que ainda apresentam problemas estruturais de participação e garantia de cidadania real para significativa parcela da população, que historicamente permanece na condição de marginalização social. Como buscar cidadania global, sem que as barreiras locais estejam solucionadas?

Outra possibilidade apresentada pelos trabalhos analisados é discutir a ECG pela via das políticas curriculares. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica no Brasil. Na BNCC a cidadania é uma das competências a serem desenvolvidas durante a educação básica, no entanto as produções analisadas evidenciam a ausência de uma visão crítica acerca do conceito de cidadania, provocando um esvaziamento da discussão sobre o tema, visto que a temática é apresentada por um viés conteudista, que não garante experiências contextuais e formativas rumo a uma cidadania local e muito menos global.

O conceito de sustentabilidade, educação para a paz, educar pela pesquisa são temas tangencias, que perpassam as produções analisadas. A questão de produção de valores em contextos escolares, envolvendo alunos e professores têm sido proposições dos pesquisadores que se interessam pela EGC. A maioria dos trabalhos parte de contextos locais para discutirem dimensões globais. Outro aspecto que chama atenção é o uso das tecnologias digitais como forma de construção de valores e atitudes, que facilitem a cooperação, nacional e internacional, e promova

a transformação social. As tecnologias digitais têm redimensionado tempo-espaço e permitido interações entre diferentes interinstitucionais e internacionais, podendo ampliar e potencializar a EGC, principalmente no atual cenário de pandemia. Temos presenciado ações de cooperação entre diferentes universidades, envolvendo diferentes Estados brasileiros e países, no que tange aos processos formativos.

Tais processos podem trazer alternativas para a temática da internacionalização, que é apresentada como possibilidade concreta para a experiência de EGC. Duas dissertações evidenciam o processo de internacionalização como mecanismo para a formação de acadêmicos e professores acerca da EGC, visto que experiências de intercâmbio são potentes para aprimorar competências linguísticas, auxiliando o entendimento e respeito à diversidade e diferença cultural.

O estado da arte das produções acerca da temática da EGC nos indicou, ainda, que as bases teóricas e metodológicas desses estudos não se relacionam diretamente à uma reflexão do conceito tomando por base o pensamento freiriano. Apesar de Paulo Freire ser citado em muitos dos trabalhos, compreendemos que articular suas ideias e conceitos para aprofundar o debate sobre a EGC, em particular no Brasil e na América latina se constitui em um campo aberto de pesquisa, que para nós, pesquisadores brasileiros e latino-americanos, tem o potencial de construir reflexões e ações que caminhem no sentido de rupturas com propostas conservadoras de educação em favor de outras pedagogias possíveis.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível a construção de uma agenda educacional voltada à cidadania global? Mesmo que agenda cidadã local seja composta de contradições e fortes vieses de caráter político-partidário, vivemos em contextos de pautas cidadãs globais que precisam ser trazidas para a educação. Neste momento podemos citar como exemplos a pandemia global provocada pela COVID-19, as desigualdades sociais e econômicas que essa pandemia tem revelado em diferentes partes do mundo, os conflitos territoriais, o drama dos refugiados, intolerância religiosa e as causas ecológicas. Mudanças e proposições são necessárias para romper barreiras estruturais e cenários de crise. Educação para a cidadania é um processo formativo que desestabiliza algumas tradições, relações e hierarquias; está, portanto, relacionada com o processo de produção de conhecimentos e tem como desafio político, social e epistemológico contribuir para a inclusão de todos os saberes que foram marginalizados ao longo da história.

A educação para a cidadania global no contexto da América Latina, especialmente no Brasil se trata de um desafio. Não temos políticas concretas que favoreçam o desenvolvimento de uma cidadania local e tampouco global, hoje o Brasil se encontra sob os efeitos de um governo conservador e autoritário, que tem representado um verdadeiro retrocesso democrático. As desigualdades sociais têm se ampliado, questões de sustentabilidade ambiental vêm sendo ignoradas, a população autóctone continua a ser dizimada, os investimentos para a ciência e universidades são cada vez menores.

Em um contexto de desalento e de genocídio, ampliado e orquestrado pelo atual governo, nos damos conta da atualidade e necessidade da teoria crítica de Paulo Freire, que nos indica o caminho da denúncia e da resistência, ao mesmo tempo, que nos aponta a necessidade de esperar. Em seu centenário, Paulo Freire, símbolo da luta contra a opressão vem sendo

combatido e acusado pela má qualidade da educação brasileira. Todavia, sua proposta epistemológica permanece sendo a base para educadores progressistas, que buscam a utopia ou o inédito viável de uma educação cidadã para todos. Essa busca se concretiza no cotidiano da educação, nas ações concretas, reflexões e lutas em defesa da humanização e da libertação de homens e mulheres da condição de opressão. Trata-se de um processo que, para Freire (1992, p. 99) passa pela ruptura “das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc. que nos estão condicionando a desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz”.

As produções analisadas indicam que as pesquisas voltadas para a ECG ainda são incipientes, todavia acreditamos na existência de ações pontuais que buscam garantir a cidadania, através de grupos que resistem e continuam a acreditar que mudanças são possíveis e que educação é uma forma de intervenção no mundo. Mesmos em contextos circunstancialmente adversos, existe um caminho que está sendo traçado e que pode ser ampliado, no que diz respeito à concepção de educação para a cidadania global dos povos latino-americanos, cujo ponto de partida é superar processos colonizatórios ainda presentes e manifestos pelas desigualdades sociais, para então assumir de forma autônoma e crítica seu papel como cidadão global.

Nessa direção, defendemos uma abordagem pós-colonial que nos possibilita pensar a ECG sob uma perspectiva crítica, superando um modelo reproduz relações assimétricas. Tara tanto, educadores e educadoras necessitam assumir uma posição, como nos ensina Paulo freire, de não neutralidade. Escreve Freire (2003, p. 26): “Por isso, o trabalhador social não pode ser um homem neutro frente ao mundo, um homem neutro frente à desumanização ou humanização, frente à permanência do que já não representa os caminhos do humano ou à mudança destes caminhos.”

Como trabalhadores sociais, a tarefa de educadores e educadoras passa pela compreensão de que a estrutura social é construída pelos homens e a sua transformação também o é. Portanto, sigamos em frente, resistindo, com ética, compromisso e esperança.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR-FORERO, Nicolás, ALFARO, Nancy, VELÁSQUEZ, Ana María, & LÓPEZ, Verónica. Educación para la ciudadanía mundial: conectando escuelas de Colombia y Chile. **Educação & Sociedade**, 41, e213415. Epub May 11, 2020. <https://doi.org/10.1590/es.213415>

BASTOS, Robson dos Santos. **A educação para a cidadania global da UNESCO e seus nexos com a formação de professores de educação física no Pará**. 278 f. Tese (Doutorado em Educação). 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/12052>.

CALIMAN, Geraldo, GUIMARAES-IOSIF, Ranilce, LUCENA, Jose Ivaldo A. de, & SANTOS, Vanildes Gonçalves dos. Youth leadership and global citizenship: alternatives for peacebuilding in Brazilian public schools. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 28(108), 672-694. 2020. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362020002802047>

CAPARROS JUNIOR, José Benedito. **Institucionalização da internacionalização da educação superior: estudo de aplicação prática à luz do círculo de internacionalização de Knight de 1994**. 128 f. 2020. Dissertação. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/467>.

COSTA, Camila Schwanke. **A educação para a cidadania global: uma experiência no 6º ano do ensino fundamental a partir do educar pela pesquisa.** 120 f. 2019. Dissertação. <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8473>

DANIELSKI, Kellin. **Educação para a cidadania global na formação de enfermeiros: um estudo de caso.** 238 f. 2017. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189151>

DIÓGENES, Camila Gomes, VALOYES, Angie Yirlesa, & EUZEBIO, Umberto. Implementación de la competencia 10 de la Base Nacional Común Curricular en Brasil: un análisis desde el concepto de Ciudadanía Global de la Agenda 2030. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 101(259), 583-606. Epub February 10, 2021. <https://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.101i259.4479>

BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel González; NOSELLA, Paolo. **Educação e Cidadania: Quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez, 2007, 13 a ed. (Coleção Questões da Nossa Época; v.19)

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade.** São Paulo: Paz e Terra. 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** (17 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira.** São Paulo/SP: Cortez Editora e Instituto Paulo Freire. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GUILHERME, Alexandre., GIRAFFA, Lucia. Maria. Martins., & MARTINS, Cristina. Contra-educação e cibercultura: uma interlocução possível à luz da cidadania global. **Foro de Educación**, 16(24), 41-56. 2018.

JESUS, Milena Peixoto de. Cidadania global: uma construção cultural e linguística. C@LEA – **Revista Cadernos de Aulas do LEA**, n. 5, p. 43-52, 2016. <http://periodicos.uesc.br/index.php/calea/article/view/1251>

LIU, Luoyuan. **Intercâmbio Universitário Brasil-China: Trajetórias formadoras de estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa Ciência sem Fronteiras.** 2018. <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8013>

MACHADO, Karen Graziela Weber. **Os moocs como possibilidade para internacionalização da educação superior em casa.** 132 f. Mestrado. 2019.

MENDONÇA, Alice Maria. Formação de professores em educação global para a cidadania em quatro países da América Latina: Colômbia, Chile, México e Peru. **Científic@ Multidisciplinary Journal**– V.6 N.1 – (2019) 104 – 112. 2019. <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/cientifica/article/view/3688>



SANTIAGO, Mylene C., ANTUNES, Katiuscia. C. Vargas., & Akkari, Abdejalil. Educação para a cidadania global. **Revista Espaço Do Currículo**, 13(Especial), 687-699. 2020. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54368>

SANTOS, Priscila Kohls, SCHWANKE, Camila, MACHADO, Karen. Graziela Weber. Tecnologias digitais na educação: possibilidades para o desenvolvimento da educação para a cidadania global. **Educação Por Escrito**, 8(1), 129-145. 2017. <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2017.1.27674>

SANTOS, Priscila Kohls. Permanência estudantil e educação para a cidadania global: possibilidades a partir da experiência de estudantes estrangeiros. **Congreso CLABES**. 2018. <https://revistas.utp.ac.pa/index.php/clabes/article/view/2027>

VEGA, Antonio Paulo, BOER, Noemi. Educação para a sustentabilidade e cidadania global: um estudo na perspectiva das orientações da UNESCO. **Disciplinarum Scientia**, 1(1), 187-201. 2020. <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/3228>.